

Leituras de Camões na antiga biblioteca do Mosteiro dos Jerónimos

Reading Camões in the ancient library of the Jerónimos Monastery

Fernanda Maria Guedes de Campos¹

Resumo

Comemora-se este ano, e até 2026, o quinto centenário do nascimento de Luís de Camões. Muito se tem escrito sobre o “príncipe dos poetas” e as obras notáveis que nos legou e que conheceram (e conhecem) múltiplas edições e traduções. Neste artigo pretendemos abordar uma perspetiva diferente dando a conhecer a presença de

¹ A autora tem Licenciatura em História (UL) e Doutoramento em História Moderna (NOVA FCSH). É Investigadora integrada do Centro de Humanidades – CHAM NOVA/FCSH, Investigadora associada do Centro de Estudos de História Religiosa – CEHR/UCP e Investigadora do Centro de Investigação Professor Doutor Veríssimo Serrão - CIJVS. As suas áreas de interesse são a História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas, especialmente no século XVIII. Tem vários artigos publicados em revistas portuguesas e estrangeiras. Publicou os livros: *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*, 2015 e *A ordem das Ordens religiosas. Roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*, 2017. Coordenou o projeto da UCP/CEHR “Conventos e mosteiros de Portugal (1096-1910”, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

The author has a Licence degree in History (UL) and a Doctorat in Modern History (NOVA FCSH). She is Integrated researcher at the Center for Humanities – CHAM NOVA/FCSH, Associated researcher at the Center for Studies in Religious History – CEHR/UCP and Researcher at the Research Center Professor Doctor Veríssimo Serrão – CIJVS. Her areas of interest are History of the Book, Reading and Libraries, especially in the eighteenth century. She has several published articles in portuguese and foreign revues, and the books *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*, 2015 and *A ordem das Ordens religiosas. Roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*, 2017. She coordinated the UCP/CEHR project “Convents and monasteries of Portugal (1096-1910)” supported by the Calouste Gulbenkian Foundation.

Camões em antigas livrarias religiosas através dos catálogos que delas subsistiram, complementando, quando possível, com o encontro de exemplares que hoje integram coleções de bibliotecas patrimoniais. A escolha das edições e a importância que foi dada a Camões nas livrarias conventuais e monásticas, ainda que variada, comprova a fama que alcançou e manteve ao longo dos séculos. Como primeiro caso de estudo escolhemos a Camoniana do Mosteiro dos Jerónimos (1496-1834). A partir dos registos bibliográficos que encontramos no catálogo alfabético da biblioteca do Mosteiro, elaborado em 1832 (BNP. COD. 8382) apresentamos as obras de Camões e respetivas edições, tentando interpretar a escolha do acervo.

Palavras-chave: Mosteiro dos Jerónimos, Biblioteca, Catálogo, Luís de Camões, Leituras.

Abstract

This year and until 2026, the fifth centenary of the birth of Luís de Camões is celebrated. Much has been written about the "prince of poets" and the remarkable works he bequeathed to us, and which have known (and still have) multiple editions and translations. In this article we intend to approach a different perspective by making known the presence of Camões in old religious libraries, using catalogues that have survived and complementing, whenever possible, with still existing copies that are now part of heritage library collections. The choice of editions and the importance given to Camões in conventual and monastic libraries, although varied, proves the fame he achieved and maintained over the centuries. As the first case study we have chosen the Camoniana of the Jerónimos Monastery (1496-1834). From the bibliographic records that we found in the

alphabetical catalogue of the Monastery's library, drawn up in 1832 (BNP. COD. 8382) we present the works of Camões and their editions, aiming to interpret the choice of the collection.

Keywords: Monastery of Jerónimos, Library, Catalogue, Luís de Camões, Readings.

1. Introdução

A existência de livros nos conventos e mosteiros é perceptível desde tempos medievais fazendo jus à máxima de S. Bento de Núrsia (480-527): *Clastrum sine armario quasi castrum sine armamentario*, que igualava a importância da presença de uma biblioteca nas casas religiosas à das armas numa fortaleza. Com efeito, quer as grandes quer as pequenas instituições religiosas regulares tiveram a sua biblioteca ou livraria como foi designada ao longo de vários séculos. Do livro manuscrito se passou ao impresso, em meados do século XV, e as ordens religiosas muito contribuíram, com seus autores, para a multiplicação de edições até porque necessitavam de livros para as suas atividades de doutrinação, pregação e ensino.

A biblioteca no espaço comunitário, fosse ele de pequena ou de grande dimensão, constituía uma parte estruturante tal como a igreja, a sacristia, o claustro ou o refeitório. Porém, há que realçar que os livros e a sua acessibilidade tiveram sempre regras próprias. Incumbia ao bibliotecário manter limpo o espaço, zelar para que não houvesse descaminho dos livros, assegurar a aquisição de novas obras e elaborar um catálogo por forma a facilitar o conhecimento das coleções e controlar o seu acesso. Fosse um simples rol com os títulos, nomes de autor, data de edição e localização na biblioteca, fosse um catálogo com descrição minuciosa de cada obra, por vezes nas suas

várias edições, certo é que as bibliotecas religiosas, sobretudo as de maior porte, necessitavam desse precioso instrumento para conhecer o acervo e facilitar a pesquisa dos leitores.

Dos catálogos elaborados nas próprias instituições, ao longo de séculos, conhecemos hoje, felizmente, o “estado da arte” em Portugal, graças ao estudo de Luana Giurgevich e Henrique Leitão que também apresenta os inventários/catálogos que foram elaborados ao tempo da extinção das ordens religiosas em 1834². É através desses documentos que podemos, de certo modo, conhecer e reconstituir as bibliotecas que existiram em conventos e mosteiros de Portugal. Obviamente, é muito gratificante quando podemos ter contacto com os exemplares que ainda subsistem em bibliotecas patrimoniais e os identificamos pelas marcas de proveniência que exibem. Porém, e salvo raras exceções, como é o caso da biblioteca do convento de Mafra que ainda hoje permanece, felizmente, intacta, a dispersão dos livros que ocorreu após a extinção das ordens religiosas em 1834, não só nos obrigaria a uma pesquisa minuciosa em vários fundos bibliográficos por todo o país como, rapidamente, se tornaria óbvio que nunca se conheceriam todas as obras, porque muitas desapareceram ou até, devido ao mau estado de conservação em que se encontravam, nem chegaram a ser recolhidas³.

2. Livros e leituras no ambiente religioso de Lisboa

Quais as leituras preferenciais nessas bibliotecas? Haveria um cânone de obras indispensáveis? Como foram evoluindo ao longo dos

² *Clavis Bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*, Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

³ Cf. BARATA, Paulo J.S., *Os livros e o Liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

séculos? Nas instituições masculinas de Lisboa que têm constituído, com mais frequência, o nosso objeto de estudo⁴, pode-se constatar algumas características comuns: 1) a resiliência e capacidade de reconstrução face a episódios adversos, como incêndios e terremotos; 2) a constante atualização de coleções, mais visível nas maiores instituições; 3) a organização de espaços próprios para as bibliotecas, especialmente as que tinham maiores posses, por forma a torná-las num local que se mostrava a visitantes e não raro se abria a leitores exteriores; 4) a existência de catálogos que se iam atualizando e renovando com o objetivo de facilitar a busca e também de conhecer algumas faltas que iam sucedendo.

A capacidade de durar, a austeridade das coleções e o peso da tradição serão sempre as características principais das bibliotecas religiosas do Antigo Regime com os matizes próprios das diversas ordens religiosas e também das respetivas instituições, considerando a sua importância nas diversas épocas.

Quanto aos acervos das bibliotecas, nota-se, por ordem de relevância: 1) a tendência para formar uma coleção “enciclopédica” e intemporal, patente nas maiores casas religiosas, onde se procurava adquirir obras de diferentes matérias, idiomas e épocas, mantendo um sentido de abertura cultural e, não raro, científico, plasmado na aquisição corrente de obras relevantes antigas e modernas; 2) o predomínio do impresso religioso, considerando, especialmente, a Teologia, a Patrística, a Sagrada Escritura e seus comentários, mas também a Sermonária e as biografias exemplares, sobretudo de santos e santas; 3) a presença de manuais, dicionários e outras obras destinadas a instrução tanto mais diversos, em matérias e em idiomas,

⁴ Cf. Para se achar facilmente o que se busca: *bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.

quanto a importância das instituições; 4) as obras de História religiosa e também profana, antigas e modernas, nacionais e estrangeiras ; 5) as obras de Literatura, de autores religiosos e laicos, normalmente pertencendo a um *corpus* identificável em várias bibliotecas; 6) as obras de Ciência, manuais de técnicas várias, Geografia e Arquitetura, presentes sobretudo nas bibliotecas dos maiores conventos e mosteiros.

Os saberes são variados e as obras não resultam apenas de aquisições intencionais. As doações pontuais, por vezes dos próprios autores, de membros da sociedade civil ou de religiosos, bem como os legados de livros ou de bibliotecas pertencentes a particulares e a religiosos, enriqueciam as coleções bibliográficas e eram, geralmente, bem recebidos.

No entanto, atendendo aos comentários que os antigos bibliotecários deixaram expressos nos catálogos que elaboraram, podemos afirmar que, em muitos casos, as obras que entravam por doação podiam estar sujeitas a seleção quer por representarem duplicações quer pelo estado de conservação em que se encontravam. Se a presença de antigas obras, como incunábulos ou manuscritos, era importante, tal não impedia a vontade de adquirir novidades editoriais nacionais e estrangeiras, mais evidente nas instituições com maiores posses, por forma a garantir a atualização dos fundos bibliográficos.

Foi com esta perspetiva que procurámos Luís de Camões em catálogos de bibliotecas religiosas de Lisboa elaborados já no século XIX porque, tratando-se de instituições de longa duração, as suas livrarias tinham coleções cumulativas, adquiridas ao longo de séculos. É verdade que nem sempre se dispõe de catálogos elaborados nos próprios conventos ou mosteiros, nessa época, e os inventários feitos ao tempo da extinção são, quase sempre, muito escassos na informação.

Por essa razão, escolhemos o excelente catálogo da biblioteca do Mosteiro de Santa Maria de Belém, da Ordem de S. Jerónimo⁵ por ter sido elaborado em 1832, nas vésperas do seu encerramento e por nos proporcionar uma visão mais abrangente da coleção.

3. O Mosteiro dos Jerónimos e a sua biblioteca

A Ordem de S. Jerónimo foi fundada em Espanha no ano de 1373, com o objetivo de institucionalizar e agregar comunidades eremíticas esparsas que, de algum modo, invocavam como patrono S. Jerónimo. Adotou a Regra de Santo Agostinho e, apesar do seu pendor fortemente contemplativo e de ideais eremíticos, esta Ordem orientou-se desde o início para os estudos teológicos ou não fosse S. Jerónimo um reputado erudito, leitor, escritor e tradutor. Conheceu uma apreciável expansão em Espanha onde, nos finais do século XV, contava com 25 mosteiros. Ligada que ficou à realeza espanhola, a Ordem teve a sua fundação mais emblemática com o conhecido mosteiro de S. Lourenço do Escorial, no século XVI⁶.

Os Jerónimos vieram para Portugal no final do século XIV e aqui fundaram 13 instituições, 12 masculinas e 1 feminina. O primeiro mosteiro foi o de Penha Longa, em Sintra, em 1400, data também da fundação do mosteiro de S. Jerónimo do Mato, em Alenquer. Teve o patronato de D. Afonso V que, aliás, também instituiu a Província Portuguesa da Ordem, no ano de 1448, atribuindo aos mosteiros

⁵ *Bibliotheca regalis exempti Monasterii Sanctae Mariae de Bethlem ex Instituto S.P.N. Hieronymi Doctoris Maximi catalogus secundum auctore cognomina, ordine alphabetico dispositus...* BNP. COD. 8382.

⁶ V. a propósito GARCÍA FRÍAS CHECA, Carmen; SANCHO, José Luis, *Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial*, Madrid: Patrimonio Nacional, 2004.

jerónimos os mesmos privilégios que gozavam os mosteiros em Espanha⁷.

O mosteiro de Santa Maria, em Belém, junto a Lisboa ficou mais conhecido por mosteiro dos Jerónimos e foi fundado em 1496. A grande notoriedade da Ordem de S. Jerónimo é alcançada no reinado de D. Manuel I que com esta fundação, em sítio ermo, nos arredores de Lisboa, associa os Jerónimos à gesta expansionista, determinando-lhes duas missões de primordial importância: o apoio espiritual aos navegantes e o cuidado do novo panteão régio que viria a substituir o convento da Batalha. O mosteiro de Belém foi sede da Província Portuguesa e nele se processava o Noviciado da Ordem⁸.

A biblioteca do mosteiro foi uma das mais importantes de Portugal pela sua extraordinária coleção de códices, muitos dos quais iluminados, onde se contam Livros de Horas e a famosa Bíblia dos Jerónimos, oferta de D. Manuel I, hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e também pelos muitos manuscritos, mapas e gravuras que foram integrar o seu acervo. A notável e vasta coleção de livros impressos formou-se com edições dos séculos XV ao XIX, revelando uma constante intenção colecionista, multifacetada e enciclopédica, pretendendo abranger todos os saberes, de acordo com o conceito da antiga biblioteca de Alexandria. Como seria expetável, nota-se uma atenção especial às obras religiosas.

É o que nos revela o catálogo, atrás referenciado, intitulado *Bibliotheca regalis exempti Monasterii Sanctae Mariae de Bethlem ex Instituto S.P.N. Hieronymi Doctoris Maximi Catalogus secundum auctore cognomina [...]*, datado de 1819. Regista cerca de 4000 obras

⁷ Cf. CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *A ordem das ordens religiosas: roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017, p. 100-108.

⁸ V. a propósito ALVES, José da Felicidade, *O mosteiro dos Jerónimos*, Lisboa: Livros Horizonte, 1989-1993, 3 vol.

e está organizado, como o título indica, por ordem alfabética dos apelidos dos autores, às vezes pelo seu nome próprio ou pelos títulos quando se tratava de obras anónimas. Será esta a fonte manuscrita que vamos utilizar para conhecer a Camoniana dos Jerónimos e que, adiante, descreveremos com mais pormenor.

Tem uma particularidade importante: serviu para se fazer um inventário ao tempo do encerramento do mosteiro alguns meses antes da exclausuração ordenada pelo Decreto de 28 de maio de 1834. Em 17 de Março, aliás, já tinha sido assinado um termo que entregava a biblioteca à Casa Pia do mesmo modo que fora entregue a esta instituição o próprio edifício monástico após a saída dos monges. Foi uma situação inédita que contribuiu para a dispersão, destruição e saque dos livros, sendo, relativamente, poucos os que hoje se conhecem desta proveniência⁹.

É verdade que, em 1836, atendendo à caótica situação da biblioteca, se procurou encontrar uma solução dividindo o espólio ainda existente pela Casa Pia, mas também pela recém-criada Biblioteca das Cortes e pela Torre do Tombo. Mais tarde, em 1840, foi possível reaver livros da Casa Pia que, obviamente, não tinham interesse para professores e alunos, trocando-os por outros mais adequados. Por fim, a Portaria de 6 de Maio de 1844, dirigida à Biblioteca Nacional, que assumira em 1841 a direção do Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos, vem conceder àquela instituição a

⁹ Cf. GIURGEVICH; LEITÃO, 2017: 49 (Inv. 133) e pp. 472-473 (Doc. 59) onde se transcrevem documentos relacionados com este processo de inventariação e em que fica esclarecida a presença do catálogo que utilizamos como fonte, no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. Com efeito, os inventariantes procuraram salvaguardar a biblioteca, propondo-a à direção da Biblioteca Pública da Corte. Porém, não estando ainda designados os locais para receber as livrarias dos conventos suprimidos (o que só aconteceria depois do Decreto de 28 de maio desse ano), o diretor da Biblioteca enviou ofício ao Administrador da Casa Pia, em 11 de março, informando-o que não poderia receber a biblioteca, mas pretendia que lhe fosse enviado o catálogo, o que, efetivamente, aconteceu.

posse dos livros mais preciosos e assim, encontramos hoje um número interessante de incunábulo provenientes dos Jerónimos, nas coleções da Biblioteca Nacional de Portugal bem como manuscritos e livros do século XVI, enquanto de outras obras daquela proveniência são muito poucos os exemplares que aí subsistem.

Apesar de elaborado em 1819, o *Catalogus* está escrito em latim, exceção feita para as referências bibliográficas. Antecede-o uma *Praenotanda* onde o bibliotecário explica as regras que aplicou e as opções que seguiu. Por curiosidade, salientamos a nota nº 4 onde se refere que as obras em português têm um sinal especial. O catálogo tem 742 páginas numeradas, porém apenas estão preenchidas 732. É uma cópia limpa, praticamente, sem rasuras e de grande legibilidade. As referências bibliográficas incluem o nome do autor, o título da obra, a menção da edição quando apropriado, o número de volumes, o formato da obra, o local de edição, o nome do editor e a data de edição, terminando com a cota do exemplar na biblioteca.

A redação do catálogo denota o saber do bibliotecário e o cuidado que teve em incluir remissivas sempre que julgou necessário, utilizando a expressão *Vide*. A forma de apresentar várias edições de uma mesma obra obedece a uma ordem cronológica crescente. A alfabetação, praticamente sem falhas, e a excelente apresentação na página, sem rasuras, denotam um trabalho de grande qualidade.

Como atrás dissemos, o catálogo serviu de inventário de referência aquando da extinção do mosteiro, sendo inventariantes o Prior Manuel Vaz Eugénio Gomes, na condição de juiz comissário e João Gualberto da Silva como escrivão. De notar que foi utilizada a margem criada pela esquadria onde se inserem as referências para assinalar as obras em falta, identificadas pela expressão “Falta. Vaz”. Quanto à biblioteca sabemos que ficou encerrada. No verso da folha de rosto do catálogo lavrou-se o Termo do inventário que decorreu entre

janeiro e março de 1834¹⁰ o qual transcrevemos porquanto ilustra como decorreu a inventariação e o encerramento do mosteiro:

“Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e quatro, aos vinte dias do Mez de Janeiro do dito anno, neste extincto Mosteiro de Santa Maria de Belem, procedeu o R.do Juiz Supressor do dito Mosteiro, o Bacharel Formado – Manoel Vaz Eugenio Gomes – comigo Escrivão e com o R.do P.e Manoel Bom Jezus Costa ex-Secretario, Bibliothecario e Cartotecario do mesmo Extincto Mosteiro, a Inventario da Bibliotheca, servindo-se deste Index, verificando por elle as Obras que na dita existião, e as que faltavam, ou estavam truncadas, pondo à margem Notas que designam as faltas, rubricadas com o cognome =Vaz= do R.do Juiz Supressor e isto em virtude da Ordem do Deputado Thesoureiro da Meza do Melhoramento, datada de 15 do corrente mez que se juntou aos Autos. E para constar foi este Termo, que assigno com o dito R.do Juiz Commissario”.

De referir ainda que na f. 732 foi lavrado o “Termo de Encerramento”, datado de 26 de fevereiro de 1834, dando por finda a tarefa.

4. Ler Camões nos Jerónimos

O catálogo da biblioteca dos Jerónimos permite-nos, como referimos, conhecer o acervo bibliográfico que os monges foram acumulando ao longo dos séculos da sua existência. Ao contrário de outras casas religiosas de Lisboa, quase nada sofreu com o terramoto de 1755 e, assim, a biblioteca foi crescendo com doações e aquisições e a Camoniana que vamos apresentar, denota essa mesma política de enriquecimento do espólio bibliográfico.

O tempo de Camões é já o da consagração plena do livro impresso e, se nos princípios do século XVI predominava um certo estilo gráfico ainda ligado ao aparato próprio do códice manuscrito, a

¹⁰ Cf. sobre o catálogo e o processo de inventário, CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, 2015: 210-217.

imprensa rapidamente evolui para uma maior simplicidade. A pressão sobre a imprensa obrigava a produzir mais obras que, não raro, justificavam mais edições, para um público-leitor cada vez mais vasto e com gostos mais variados. Começa o predomínio da edição de pequeno porte, possível de andar na mão ou numa bolsa. Começa, também, a dispensar-se, em muitas edições, o uso de tarjas ornamentais e xilogravuras na página de rosto. Essas ficavam guardadas para determinadas obras mais escolhidas ou mais apoiadas por mecenas.

Como é sabido, o êxito de *Os Lusíadas*, publicado pela primeira vez em 1572, justificou o aparecimento de novas edições, especialmente comentadas e também um movimento expressivo de traduções, com destaque para a língua castelhana. Continuaram *Os Lusíadas* e igualmente as *Rimas*, individualmente ou juntos sob o título *Obras*, a ser editados, traduzidos e comentados durante os séculos seguintes. Nesse universo de distintas edições, quais os critérios que nortearam as escolhas na biblioteca do mosteiro dos Jerónimos? Privilegiaram-se as edições primevas ou as comentadas? São só edições nacionais ou também estrangeiras? Os bibliotecários deram destaque ao “príncipe dos poetas” ou são escassas as edições?

O encontro, no catálogo, com as obras de Luís de Camões que integravam a biblioteca dos Jerónimos, revelou-se muito simples dado que, como atrás dissemos, as referências estão organizadas, alfabeticamente, pelo apelido do autor, salvo algumas exceções, devidamente reconhecidas.

Vamos apresentar a Camoniana seguindo a ordem em que se encontram listadas e transcrevendo o registo bibliográfico tal como figura no catálogo. A seguir a cada entrada, incluímos a referência como consta nos catálogos atuais, com destaque para o da Biblioteca Nacional de Portugal. A numeração dos registos é da nossa

responsabilidade. A Camoniana distribui-se pelas folhas 120 e 121 começando pelas edições de *Os Lusíadas* e terminando com as edições das *Rimas*.

F. 120

1.

Camões/ Luiz de/ ... famoso Poeta natural de Lisboa/ Os Lusíadas: comentados pello Licenciado Manoel Correa. 1 v. in 4º. Lisboa, 1613. [À margem: “Falta Vaz”]

Os Lusíadas do grande Luis de Camoens...; commentados pelo licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa...; dedicados ao Doctor D. Rodrigo d' Acunha, Inquisidor Apostolico do Santo Officio de Lisboa per Domingos Fernandez seu livreyro. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck, 1613. [6], 308 f.; 4o (19 cm).

2.

Idem: commentados por Manoel de Faria y Sousa cavallero de la Orden de Christo y de la Casa Real. 4 vs. in fol. Madrid, por Juan Sanchez, 1639.

Lusiadas de Luis de Camoens principe de los poetas de España; comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real [...]. En Madrid: por Juan Sánchez: a costa de Pedro Coello, mercador de libros, 1639. 4 volumes. Folio.

3.

Idem: com os Argumentos de João Franco Barreto, ilustrado com varias e breves Notas, e com hum precedente Apparato do q. lhe pertence de Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gelmedo. 2 vs. in 4º. Napoles, na Officina Parriana, 1731, Roma, na Officina de Antonio Rossi, 1732. [À margem: “Falta Vaz”].

Lusiada: poema epico: com os argumentos de João Franco Barreto; ilustrado com varias e breves Notas, e com hum precedente Apparato do q. lhe pertence de Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gelmedo. Napoles: na officina Parriniana, 1731 (1º vol.); Roma: na officina de Antonio Rossi, 1732 (2º vol.). 4º.

4.

Idem: 2 vs in 16º. Coimbra, na Imprensa da Universidade/ 1800. [À margem: “Falta Vaz”].

Lusíadas de Luis de Camões. Coimbra: na Imprensa da Universidade, 1800. 2 vol. 16º.

5.

Idem: nova Edição correcta e dada à Luz por Dom José Maria de Souza Botelho, Morgado de Matheus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1 v. in fol. Paris, na Officina Typographica de Firmin Didot, Impressor do Rei, e do Instituto, 1817.

Os Lusíadas: poema épico de Luis de Camões. - Paris: na Officina Typographica de Firmin Didot, impressor do Rei, e do Instituto, 1817. - [10], CXXX, [2 br.], 413, [1 br., 10, [2 br.] p.: il., 11 estampas; 2º (35 cm).

6.

Idem: [Lusiadum] Latini a[uthore] D[omino] Fr[at]re Thoma de Faria Episcopo Targensi, Regioque Consiliario, Ordinis Virgini Mariae de Monte Carmeli, Doctore Theologo, Ulyssiponensi. Ulyssipone. ex officina Gerardi de Vinea, 1622. 1 v. in 12º.

Lusiadum libri decem / authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Regioque consiliario, Ordinis Virginis Mariae de Monte Carmeli, Doctore Theologo, ulyssiponensi. Ulyssipone: ex officina Gerardi de Vinea, 1622. 8º (15 cm).

F. 121

7.

Rimas acrescentadas nesta segunda impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho. 1 v. in 4º peq.º. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1598. À custa de Estêvão Lopez mercador de libros.

Rimas de Luis de Camões accrescentadas nesta segunda impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck: à custa de Estêvão Lopez, mercador de libros, 1598. 4º (20 cm).

8.

Idem: commentadas por Manuel de Faria y Sousa Cavallero de la Orden de Christo. 2 vs in folio. Lisboa, en la Imprenta Craesbeckiana, 1689.

Rimas varias de Luis de Camoens príncipe de los poetas heroycos y lyricos de España, ofrecidas al muy ilustre Señor Garcia de Melo, Montero Mor del Reyno, Presidente del Dezembargo del Paço, etc., commentadas por Manuel de Faria y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, tomo III, IV y V, segunda parte... Lisboa: en la Imprenta Craesbeeckiana, 1689. [Faltariam volumes a esta edição das Rimas, desde logo os que compunham a primeira parte e, de acordo com a descrição, faltaria algum da segunda parte, a menos que pudessem

estar encadernados juntos. Os volumes I e II foram impressos em Lisboa na Oficina de Teotónio Dâmaso de Melo, em 1685¹¹.

Deste conjunto de obras de Luís de Camões podemos reconhecer alguns critérios de escolha nas edições de *Os Lusíadas* e das *Rimas*. Quanto à cronologia, verificamos a ausência de edições do século XVI. No respeitante às obras e à escolha das edições, assinalamos a importância atribuída pelos Jerónimos a *Os Lusíadas*, plasmada numa variedade de edições, em várias línguas e comentadas. Já as *Rimas* têm apenas duas edições e não se encontrou referência a edições das Obras completas.

Sobre as edições comentadas¹², cronologicamente, a primeira é a de Manuel Correia (15---antes de 1613) que data de 1613¹³. Foi nesta que surgiu a primeira biografia de Camões, assumindo-se o autor como seu amigo (nº 1) e onde se torna evidente que os comentários

¹¹ A descrição completa da obra é a seguinte, de acordo com MARNOTO, Rita, coord., *Comentário a Camões. 2. Sonetos*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos; Lisboa, Cotovia, 2012. Acessível em:

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/43485/1/Camoes%20II%2020120330.pdf> (pp. 48-49) : *Rimas varias de Luis de Camoens príncipe de los poetas heroycos y lyricos de España, ofrecidas al muy ilustre Señor D. Iuan da Sylva, Marquez de Gouvea, Presidente del Dezebargo del Paço y Mayordomo mayor de la Casa Real, etc., commentadas por Manuel de Faria y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, tomo I y II, que contienen la primera, segunda y tercera centuria de los sonetos*, Lisboa: en la Imprenta de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real, con todas las licencias necesarias, año de 1685. *Rimas varias de Luis de Camoens príncipe de los poetas heroycos y lyricos de España, ofrecidas al muy ilustre Señor Garcia de Melo, Montero Mor del Reyno, Presidente del Dezebargo del Paço, etc., commentadas por Manuel de Faria y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo, tomo III, IV y V, segunda parte, el tom. III contiene las canciones, las odas y las sextinas, el tom. IV las elegias y las otras avas, el tom. V las primeras ocho écloas*, Lisboa: en la Imprenta Craesbeeckiana, año 1689.

¹² Existe bibliografia abundante e relevante sobre as edições comentadas das obras de Camões. Não pretendemos acrescentar qualquer contributo a esses estudos pois não é esse o propósito deste artigo nem teríamos os conhecimentos para o fazer. Limitamo-nos a seguir as opiniões dos investigadores especialistas e a citá-los, sempre que adequado. De qualquer modo, para um conhecimento mais vasto sobre as numerosas edições das obras de Camões, no período temporal em apreço, remetemos para dois estudos de reputadas camonistas: ALMEIDA, Isabel, *Edições dos séculos XVII e XVIII*. In: *Camões nos prelos de Portugal e da Europa (1563-2000): a Biblioteca Camoniana de D. Manuel II, a Biblioteca Camoniana da Fundação da Casa de Bragança*, ed. José Augusto Cardoso Bernardes, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2015, pp. 23-33 e ANASTÁCIO, Vanda, *A criação de um poeta nacional: breve panorâmica das edições da lírica camoniana entre 1595 e 1870*, *Floema*, A. VI, 7 (jul.-dez. 2010), pp. 61-74.

¹³ V. MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Ed. fac-similada, Coimbra: Atlântida, 1966, vol. III, pp. 73, 220 e 584.

sobrelevam a obra. Segue-se Manuel de Faria e Sousa (1590-1649)¹⁴ reconhecido comentador das obras de Camões. A edição foi impressa em Madrid e em língua castelhana (nº 2) porque reconhecera falhas na edição de Manuel Correia. Foi acusado de atribuir composições a Camões que ele não escrevera e a fazer correções aos versos porque, como afirmava no Prefácio, andavam adulterados (SARAIVA; LOPES, 1989: 365)¹⁵. Esta circunstância valeu a Faria e Sousa algum descrédito relativamente ao seu trabalho editorial que se agravou com a “hispanização” de que foi acusado, após a Restauração, pois vivera muito tempo na corte espanhola. Ainda assim, mereceu o interesse dos Jerónimos que também tinham a sua edição das *Rimas*, impressas em Lisboa, 1689 (nº 8)¹⁶.

Quanto a João Franco Barreto (1600 - p. 674)¹⁷ latinista, camonista e bibliógrafo foi comentador da obra de Camões, tendo-se envolvido em polémicas com outros estudiosos como Manuel de Faria e Sousa e Manuel Severim de Faria. A edição italiana de *Os Lusíadas* inclui os argumentos de João Franco Barreto e notas e um “Apparato” de Inácio Garcês Ferreira (nº 3). Posteriormente, Joaquim Inácio de Freitas (?-1831) utilizou, para além dos argumentos, também o *Index* de nomes próprios que João Franco Barreto concebera. Acrescentou, ainda, um Compêndio da vida do poeta, o Argumento histórico de Inácio Garcês Ferreira e as estâncias omitidas e lições várias de Faria e Sousa. Esta edição de Coimbra, 1800 (nº 4) é ilustrada com duas

¹⁴ V. Id., *ibid.*, pp. 253-260 e COSTA, Joaquim, *Manuel de Faria e Sousa, cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*, Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2012.

¹⁵ V. a propósito ALMEIDA, Justino Mendes de, *1985 um centenário camoniano ou o desagravo de Manuel de Faria e Sousa*, Lisboa: Academia das Ciências, 1985.

¹⁶ A comprovar o interesse que Manuel de Faria e Sousa mereceu nos Jerónimos, fomos verificar no Catálogo da Biblioteca se haveria outras obras às quais o seu nome estivesse ligado. Apesar das polémicas que protagonizou e das acusações de ter adulterado a lírica camoniana, situação que o levou à Inquisição, verificámos que existiam exemplares das obras que escreveu (as quais também mereceram críticas). Assim, na p. 241 do Catálogo, encontramos, por esta ordem: *Historia del reyno de Portugal*, Amberes, 1730; *Imperio de la China*, Lisboa, 1731; *Europa portuguesa*, Lisboa, 1678-1679, 2 vol.; *Asia portuguesa*, Lisboa, 1666, 1674-1675, 3 vol.; *Africa portuguesa*, Lisboa, 1631; *Epitome de las Historias Portuguesas*, Lisboa, 1673.

¹⁷ V. MACHADO, Diogo Barbosa, *Ob. cit.*, 1966, vol. II, p. 665.

gravuras: no 1º volume um retrato de Camões, e no 2º uma representação alusiva ao naufrágio do poeta.

Existia uma edição de *Os Lusíadas* em latim, impressa em Lisboa, 1622, sendo tradutor D. Frei Tomé de Faria (1558-1628)¹⁸, da Ordem do Carmo e Bispo de Targa (nº 6). É a mais antiga tradução para latim, em versão completa, e ficou conhecida por, estranhamente, omitir no rosto o nome de Luís de Camões. Por fim, não deixaram os monges jerónimos de incluir na sua Camoniana a famosa edição do Morgado de Mateus, de grande aparato e com ilustrações, feita em Paris, no ano de 1817 (nº 5)¹⁹.

Relativamente às duas edições das *Rimas*, mencionámos atrás a de 1689 por conter comentários de Manuel de Faria e Sousa, mas existia também na biblioteca dos Jerónimos um exemplar da 2ª impressão datada de 1598 (nº 7). De acordo com João José Alves Dias, no seu estudo sobre as edições das *Rimas*²⁰, procurou-se, nesta edição, corrigir os erros da primeira impressão de que tinham resultado fortes críticas. A organização e a escolha dos poemas também foram alteradas. Porém, “apesar de todo o cuidado, ainda subsistiram algumas gralhas.”²¹

5. Conclusão

As bibliotecas religiosas em Portugal, sobretudo as dos grandes conventos e mosteiros, foram sendo constituídas ao longo de séculos num movimento cumulativo que tanto cuidava da aquisição de

¹⁸ V. Id., *ibid.*, vol. III, p. 755.

¹⁹ V. a propósito GALLUT, Anne, *O morgado de Mateus editor de Os Lusíadas*, trad. Maria Carlos Loureiro, Lisboa: Aletheia, 2015.

²⁰ Em torno das *Rimas* de Camões: a colecção da Biblioteca Nacional, *Oceanos*, 23 (jul.-set. 1995), pp. 24-48.

²¹ *Id.*, p. 31.

manuscritos e edições raras ou preciosas, quanto procurava as obras mais modernas, mas de valor literário, histórico ou científico. São bibliotecas de um saber enciclopédico, com obras em vários formatos, em distintos idiomas e originárias de tipografias de diversos países. Naturalmente, as coleções têm núcleos bibliográficos semelhantes sempre que se trata de autores relevantes, desde os da Antiguidade até aos contemporâneos. Porém, também há diferenças motivadas pela normativa das diferentes ordens religiosas, pelas funções desempenhadas por cada convento ou mosteiro, pela disponibilidade aquisitiva e pelas ofertas bibliográficas que recebiam. O gosto por ter uma biblioteca com as melhores e mais relevantes obras, esse existia sempre.

A obra de Camões esteve representada em bibliotecas religiosas como nos mostram os seus catálogos, sendo que os mais antigos não nos podem dar uma visão completa do movimento colecionista quando comparados com os do século XIX, como o da biblioteca dos Jerónimos, elaborado em 1832. A escolha da Camoniana dos Jerónimos é variada. Nota-se que houve a preocupação de adquirir traduções e edições comentadas. Verificámos a ausência de edições do século XVI e o relevo que tiveram, na coleção, as do século XVII, muitas na língua castelhana mesmo que em edições portuguesas. Vimos, também, que o movimento aquisitivo se prolongou até ao século XIX numa expressiva demonstração do interesse que mereceram Camões e as suas obras.

Fontes

Bibliotheca regalis exempti Monasterii Sanctae Mariae de Bethlem ex Instituto S.P.N. Hieronymi Doctoris Maximi catalogus secundum auctore cognomina, ordine alphabetico dispositus... BNP. COD. 8382.

Bibliografia

ALMEIDA, Isabel, Edições dos séculos XVII e XVIII. In: *Camões nos prelos de Portugal e da Europa (1563-2000): a Biblioteca Camoniana de D. Manuel II, a Biblioteca Camoniana da Fundação da Casa de Bragança*, ed. José Augusto Cardoso Bernardes, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2015.

ALMEIDA, Justino Mendes de, *1985 um centenário camoniano ou o desagravo de Manuel de Faria e Sousa*, Lisboa: Academia das Ciências, 1985.

ALVES, José da Felicidade, *O mosteiro dos Jerónimos*, 3 vol., Lisboa: Livros Horizonte, 1989-1993.

ANASTÁCIO, Vanda, A criação de um poeta nacional: breve panorâmica das edições da lírica camoniana entre 1595 e 1870, *Floema*, A. VI, 7 (jul.-dez. 2010), pp. 61-74.

BARATA, Paulo J.S., *Os livros e o Liberalismo: da livraria conventual à biblioteca pública*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.

CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *A ordem das ordens religiosas: roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017.

COLÓQUIO LUÍS DE CAMÕES NO SEU TEMPO E NA ACTUALIDADE- ACTAS, ed. lit. Manuela Mendonça, Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005.

COSTA, Joaquim, *Manuel de Faria e Sousa, cidadão do mundo e das letras ao serviço de Portugal*, Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2012.

DIAS, João José Alves, Em torno das *Rimas* de Camões: a colecção da Biblioteca Nacional, *Oceanos*, 23 (jul.-set. 1995), pp. 24-48.

GALLUT, Anne, *O morgado de Mateus editor de Os Lusíadas*, trad. Maria Carlos Loureiro, Lisboa: Aletheia, 2015.

GARCÍA FRÍAS CHECA, Carmen; SANCHO, José Luis, *Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial*, Madrid: Patrimonio Nacional, 2004.

GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique, *Clavis Bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*, Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

Fernanda Maria Guedes de Campos

MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, 4 vol., Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759.

MARNOTO, Rita, *Sete ensaios camonianos*, Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007.

MARNOTO, Rita, ed. lit., *Comentário a Camões*, vol. 1-2, Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2012.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 15^a ed., corrigida e actualizada, Porto: Porto Editora, 1989.

SILVA, Inocêncio Francisco da, *et al.*, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Ed. fac-similada, 13 vol, Lisboa: IN-CM, 1998.